

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

STÉPHANY SANTOS DA SILVA

**A AÇÃO DA CRUZ VERMELHA ATRAVÉS DAS LENTES DE UMA
FRANCISCANA (MEADOS DE 1980)**

DELMIRO GOUVEIA – AL

2023

STÉPHANY SANTOS DA SILVA

**A AÇÃO DA CRUZ VERMELHA ATRAVÉS DAS LENTES DE UMA
FRANCISCANA (MEADOS DE 1980)**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção de nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador Prof. Dr. Rodrigo José da Costa

DELMIRO GOUVEIA – AL

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
DEPARTAMENTO DE DE HISTÓRIA**

Folha de Aprovação

Stéphany Santos da Silva

**A AÇÃO DA CRUZ VERMELHA ATRAVÉS DAS LENTES DE UMA
FRANCISCANA (MEADOS DE 1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso
em História, modalidade
Licenciatura Plena, da
Universidade Federal de Alagoas,
aprovado em 24 de Maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br RODRIGO JOSE DA COSTA
Data: 02/06/2023 13:17:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE CICERO CORREIA
Data: 02/06/2023 13:53:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a) Externo(a)

Documento assinado digitalmente
gov.br SHEYLA FARIAS SILVA
Data: 19/06/2023 10:29:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a) Interno(a)

AGRADECIMENTOS

Como todo cristão, crendo firmemente que Deus é a essência e o todo, o começo e o fim, agradeço a Ele pela companhia e amparo durante estes anos acadêmicos. À Maria, minha Senhora, pela intercessão e Amor para comigo.

Aos meus pais pelo afeto e cuidado. Como filha de professora, pude acompanhar o trabalho e dedicação de minha mãe a Educação, hoje ela é meu exemplo de competência e profissionalismo.

Ao corpo docente do Curso de Licenciatura Plena em História desta instituição e meus colegas, companheiros de jornada.

À Irmã Redempta (in memoriam), por doar sua vida por uma boa causa.

À Escola de 1º e 2º Graus João Paulo II, por disponibilizar seu acervo para o desenvolvimento desta pesquisa – é com carinho também que recordo dos sete anos (2008 – 2014) que fui discente desta instituição, que tanto contribuiu para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Por fim, mas não menos importante, a meu orientador, Dr. Rodrigo José, sou grata pela companhia, compreensão, disponibilidade e paciência, por acreditar nesta pesquisa e norteá-la.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo relatar o episódio da campanha da Cruz Vermelha nos municípios alagoanos de São José da Tapera e Pão de Açúcar, em meados de 1980. Apresentamos fotografias pertencentes a freira franciscana holandesa, Irmã Redempta, responsável pela articulação da Cruz Vermelha em solo taperense e pão-de-açucarense. Adotamos a pesquisa de campo/bibliográfica de caráter exploratório e de natureza qualitativa, como procedimento metodológico. Buscamos as bases teóricas em bibliografias de autores como Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997), José Cicero Correia (2012), Luis Patrício Ortiz (1991), Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), entre outros, pois ampliam análises e pesquisas sobre o tema aqui abordado. Este artigo resultou em uma apresentação de atuação solidária durante a seca de 1980 no sertão alagoano.

Palavras-chave: fotografia; seca de 1980; campanha da Cruz Vermelha.

ABSTRACT

This article aims to report the episode of the Red Cross campaign in the municipalities of São José da Tapera and Pão de Açúcar, in the mid-1980s in Alagoas. We present photographs belonging to the Dutch Franciscan nun, Sister Redempta, responsible for articulating the Cross Red in soil taperense and pao-de-açucarense. We adopted field/bibliographic research of an exploratory and qualitative nature, as a methodological procedure. We sought theoretical bases in bibliographies of authors such as Ciro Flamarion Cardoso and Ana Maria Mauad (1997), José Cicero Correia (2012), Luis Patrício Ortiz (1991), Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), among others, as they expand analyzes and research on the topic addressed here. This article resulted in a presentation of solidarity action during the 1980 drought in the backlands of Alagoas.

Keywords: photography; drought of 1980; Red Cross campaign.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. A CIDADE MAIS POBRE DO BRASIL E O MUNICÍPIO RIBEIRINHO COLONIAL	08
3. REDEMPTA, A FRANCISCANA	10
4. A ATUAÇÃO DA CRUZ VERMELHA EM SÃO JOSÉ DA TAPERA E PÃO DE AÇÚCAR - AL, REGISTROS FOTOGRÁFICOS E NARRATIVA HISTÓRICA	13
5. CONCLUSÃO	23
6. REFERÊNCIAS	25

1. Introdução

Após o falecimento da Irmã Redempta¹, religiosas da diocese de Palmeira dos Índios – AL, foram até o arquivo da Escola de 1º e 2º Graus João Paulo II, em São José da Tapera – AL, onde a religiosa holandesa exercia o cargo de diretora, e levaram todos os materiais e os pertences dela para a criação de um memorial. Na busca de fotografias para a realização de uma atividade acadêmica, foi encontrado este álbum, que foi deixado para trás pelas freiras, justificando que a falecida não aparecia nas fotos. Diante disso, surgiu então o desejo de mostrar que esta freira holandesa está em cada detalhe destas fotos, sendo protagonista de um trabalho social no sertão alagoano registrado por ela.

Este artigo tem como objetivo analisar, na fotografia, elementos de construção da memória social. Para MAUAD e LOPES², “a fotografia pode ser um indício ou documento para se produzir uma história; ou ícone, texto ou monumento para (re)apresentar o passado”, a importância da imagem para o desenvolvimento da historiografia como narrativa de acontecimentos coletivos e o impacto gerado a partir da observação das fotos, que na ausência de documentos escritos, transmitindo uma mensagem segura, tem sua duração estendida por mais tempo na memória em sua totalidade, por se tratar de um álbum, um objeto, que pode ser visto e tocado a qualquer momento. Acreditamos que a fotografia é capaz de informar e ser um patrimônio social histórico e cultural.

É importante entender as contribuições sociais que o CICV (Comitê Internacional da Cruz Vermelha)³ e a atuação das europeias franciscanas de Santo Antônio⁴ que trouxeram para São José da Tapera e Pão de Açúcar, no sertão alagoano, medicamentos e alimentos, além da assistência social, durante um período de seca, onde o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) era muito baixo e a mortalidade infantil aumentava desenfreadamente, em locais de extrema pobreza.

Vale salientar que além do material iconográfico, este artigo também se constrói através da fonte oral, ALBERTI⁵ nos diz que o entrevistado contando suas experiências

¹ Elizabeth Jacoba Maria Bogers (1931-2018).

² MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. Novos domínios da história / organizadores: Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 263.

³ Organização humanitária, fundada em 1863 em Genebra, Suíça.

⁴ Congregação Irmãs Missionárias Franciscanas de Santo Antônio de Pádua, fundada em fevereiro de 1913 nos Países Baixos, Holanda.

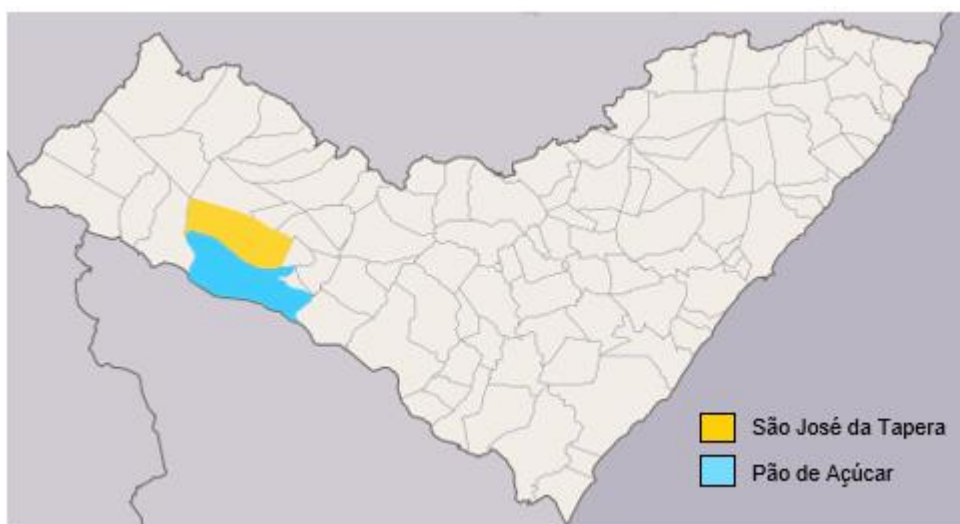
⁵ ALBERTI, Verena. Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., 1ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008. p. 171.

“transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido”.

A bibliografia levantada é indispensável para o auxílio do problema, hipóteses apresentadas, objetivos e justificativa, buscamos apoio nos trabalhos de Verena Alberti (2008) para tratar de fonte oral; nos estudos sobre fotografia, Ana Maria Mauad e Marcos Felipe de Brum Lopes (2012), Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997), Lucas Vieira Baeta Neves (2004); José Cicero Correia (2012) para as referências biográficas de Elisabeth Jacoba Maria Bogers; sobre a atuação da Cruz Vermelha nos municípios de São José da Tapera e Pão de Açúcar, Derllânio Telecio da Silva e Pedro Abelardo de Santana (2021); a problemática da seca com Antônio Rocha Magalhães (2016), José Roberto de Lima e Antonio Rocha Magalhães (2018), Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) e Luis Patrício Ortiz (1991); informações sobre os povos de etnia Calon, Leila Samira Portela de Moraes (2018); sobre a importância da História Local, Francisco Ribeiro da Silva (1999). Além de outros, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

2. A cidade mais pobre do Brasil e o município ribeirinho colonial.

Mapa 1 - Alagoas



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu derivative work: Milenioscuro (talk) – Alagoas. Adaptado.

Em 1998 a cidade de São José da Tapera foi considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como a cidade mais pobre do país, com o menor Índice de Desenvolvimento Humano. Nesse ano, Fernando Henrique Cardoso, então presidente da República, lançou o Bolsa-Alimentação, elencando São José da Tapera como a primeira beneficiada com o

programa que visava a redução da desnutrição⁶. Para a Folha de São Paulo, a prefeita Edneusa Pereira Ricardo (PSDB) disse: “saímos do sufoco, mas temos uma miséria muito grande ainda. Hoje não me preocupo mais com a compra de tantos caixões para bebês e posso sair na rua sem ser perseguida e pressionada por uma legião de famintos”⁷, reforçando ainda que a cidade não recebeu tratamento especial das ONG’s ou de setores do governo.

Esse cenário de fome e miséria já era realidade há décadas. Em 17 de setembro 1949, pela lei estadual nº 1473 o povoado de “Tapera” foi anexado à Pão de Açúcar⁸, tendo um comércio local muito pequeno e população de maioria rural. Em 24 de dezembro de 1957, São José da Tapera foi emancipado de Pão de Açúcar, pela lei estadual nº 2084, com uma área territorial de 490,879km². Mesmo assim, ainda era um pequeno povoado, pouco maior que em 1900, quando na Fazenda da família Maciano, “Tapera” surgiu, ali ergueram uma pequena capela em honra a São José e o comércio local baseado na agricultura e pecuária foi desenvolvendo⁹ aos poucos.

O município de Pão de Açúcar não ficava para trás; “Jaciobá” - como era chamada pelos indígenas Urumaris que habitavam aquela região - que na linguagem tupi-guarani significa 'Espelho da Lua'¹⁰, iniciou seu povoamento em 1611, às margens do Rio São Francisco. O português Lourenço José de Brito Correia, em 1660, instalou uma fazenda de gado naquela região e a batizou de “Pão de Açúcar”. Foi elevada à condição de cidade em junho de 1887, pela lei nº 756, onde foi desmembrada da cidade de Mata Grande¹¹.

Em artigo de 2019, destacando como a cidade ainda mantém sua aura colonial, Ticianeli¹² escreve poeticamente:

⁶ Folha de S.Paulo - Desnutrição: Município com o pior IDH vive “no limite” - 17/09/2001. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1709200113.htm>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

⁷ Ibidem.

⁸ IBGE. Cidades. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/sao-jose-da-tapera/historico>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

⁹ “SELO OFICIAL MARCA COMEMORAÇÃO DOS 60 ANOS DE SÃO JOSÉ DA TAPERA”. Prefeitura Municipal de São José da Tapera, <https://www.saojosedatapera.al.gov.br/home/artigo/selo-oficial-marca-comemoracao-dos-60-anos-de-sao-jose-da-tapera>. Acesso em 15 de junho de 2022.

¹⁰ IBGE. Cidades. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pao-de-acucar/historico>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

¹¹ Pão de Açúcar — Assembleia Legislativa de Alagoas. <https://www.al.al.leg.br/municipios/pao-de-acucar#:~:text=Em%201634%2C%20Crist%C3%B3v%C3%A3o%20da%20Rocha, nome%20de%20P%C3%A3o%20de%20A%C3%A7%C3%BAcar>. Acesso em 15 de junho de 2022.

¹² TICIANELI. “Corografia de Alagoas - Pão de Açúcar”. *História de Alagoas*, 27 de dezembro de 2019, <https://www.historiadealagoas.com.br/corografia-de-alagoas-pao-de-acucar.html>. Acesso em 02 de novembro de 2022.

Anquilosada numa inércia que lhe tolheu os surtos como a ave das lendas indianas que não podia voar malgrado as cem asas de que era dotada, Pão de Açúcar, depois de exibir tendências progressivas, **nada tem evoluído**. Mesmo assim, nada perdeu de seu primitivo aspecto pinturesco.

De acordo com o Recenseamento Geral do Censo Demográfico de 1980¹³, época em que aconteceu a atuação da Cruz Vermelha, a cidade de São José da Tapera contava com cerca de 24.787 habitantes, destes apenas 4.644 eram alfabetizados. Já a cidade de Pão de Açúcar contava com 18.936 habitantes, destes 15.651 eram alfabetizados. Os municípios já gritavam por socorro, faltava água; faltavam empregos; e faltava educação.

3. Redempta, a franciscana.

Imagem 1 – Irmã Redempta (2017)



Fonte: arquivo do Colégio João Paulo II

Aos 86 anos, Elizabeth Jacoba Maria Bogers, popularmente conhecida como Irmã Redempta, faleceu na manhã do dia 06 de junho de 2018, em um leito do Hospital Clodolfo Rodrigues de Melo, na cidade de Santana do Ipanema – Alagoas.¹⁴ E com ela se foi a experiência de mais de 50 anos de trabalhos sociais nos municípios do sertão alagoano de Pão

¹³ IBGE. Dados Distritais. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBSIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Dados_Distritais_AL.pdf. Acesso em 07 de setembro de 2022.

¹⁴ Notícias, Blog Adalberto Gomes. “Morre em Santana do Ipanema, aos 86 anos, Irmã Redempta, uma das referências da educação no sertão de Alagoas”. *Blog Adalberto Gomes Notícias*, <http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2018/06/morre-em-santana-do-ipanema-aos-86-anos.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

de Açúcar, Palestina e São José da Tapera. Seu corpo poderia ter sido transladado para a Holanda, seu lugar de origem, mas ela preferiu ser sepultada no cemitério de Pão de Açúcar, lugar onde morou desde que chegou ao Brasil.

Irmã Redempta nasceu em 17 de agosto de 1931, na pequena Vila de Bavel-Ginneken, município de Brabant do Norte, localizado ao sul dos Países Baixos (Holanda). Filha de Cornélio Bogers e Maria Elisabeth Wirken. A pequena Elizabeth teve seis irmãos. Frequentou escola religiosa, teve uma educação rígida, deixando de frequentar as aulas somente durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945). Na década de 1950 entrou para o convento da Congregação das Irmãs Missionárias Franciscanas de Santo Antônio de Pádua¹⁵. Ainda no convento foi preparada para exercer o carisma missionário, ir a terras distantes, cumprir seus votos como franciscana, e acima de tudo como cristã.

Imagem 2 – Religiosas franciscanas de Santo Antônio de Pádua, em Pão de Açúcar / AL.



Fonte: Reprodução/ Instagram

Foi no convento que aprendeu a bordar, costurar e pintar tecidos, estudou enfermagem e obstetrícia¹⁶, conhecimentos que a ajudou durante todo o seu trabalho como missionária no interior do sertão alagoano. Em 12 de setembro de 1962, acompanhada de quatro irmãs da congregação, Odiliana, Raquel, Clementina e Letícia, Redempta embarca para o Brasil, seu primeiro trabalho foi no Estado da Paraíba, em uma maternidade da cidade de Esperança, localizada a 159 km da capital João Pessoa, sua estadia durou cerca de quatro anos. A convite

¹⁵ CORREIA, José Cícero, Irmã Redempta: 50 anos de dedicação e trabalho pelos mais necessitados. 1ª ed., São José da Tapera – AL: Edições Comemorativas, 2012. p. 04.

¹⁶ CORREIA Ibidem. p. 05.

de Dom Otávio¹⁷ veio para Alagoas, precisamente para a cidade de Pão de Açúcar, para atuar na paróquia e auxiliar as cidades vizinhas. Assim Redempta teve acesso a cidade de São José da Tapera, que mesmo tendo sido emancipada em 1957, continuou contando com os serviços paroquiais de Pão de Açúcar até 1995.

Em solo taperense desenvolveu trabalhos em prol das gestantes, fazendo pré-natais e consultas, além de medicar os doentes. Vendo a pobreza daquelas mulheres grávidas, decide ensiná-las a costurar, bordar e pintar em tecidos. Em seu livro, CORREIA (2012)¹⁸ revela que “segundo a própria, essas atividades eram para que as futuras mães aprendessem a confeccionar a roupa dos seus filhos”. Em meados de 1980, atenta a onda de fome e miséria que se aproximava do sertão alagoano, recorre à Cruz Vermelha, onde atuou por cerca de três anos em prol das famílias necessitadas.

Lucilo José Ribeiro, prefeito de São José da Tapera, em 1976 a convida para participar de um grupo de pessoas para a criação de uma escola comunitária na cidade. Entre os convidados está o Padre Petrócio¹⁹, braço-direito da Irmã durante toda a sua vida. Assim é fundada a Escola Cenecista São José²⁰. Em Pão de Açúcar, a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus funda o Colégio São Vicente²¹, antiga Escola Paroquial.

Depois de muitos anos de lutas e trabalhos, a Escola Cenecista São José se transforma na Escola de 1º e 2º Graus João Paulo II, conhecida popularmente como “Colégio da Irmã”, instituição filantrópica e particular que está, até hoje, sob regência da paróquia de Pão de Açúcar, juntamente com o Colégio São Vicente e a Faculdade São Vicente. As irmãs holandesas nunca mediram esforços para buscar ajuda financeira na Europa, até hoje estas instituições funcionam com o auxílio de doações, principalmente holandesas.

A partir de 2006 Irmã Redempta viu sua saúde definhando, mesmo assim não abandonou sua missão, permaneceu prestando serviço à paróquia pão-de-açucarense no âmbito

¹⁷ Dom Otávio Barbosa Aguiar (1913 – 2004), primeiro Bispo da Diocese de Palmeira dos Índios – AL.

¹⁸ CORREIA, José Cícero, Irmã Redempta: 50 anos de dedicação e trabalho pelos mais necessitados. 1ª ed., São José da Tapera – AL: Edições Comemorativas, 2012. p. 07.

¹⁹ Reverendíssimo Senhor Monsenhor Petrucio Bezerra de Oliveira (1941 -), pároco de Pão de Açúcar/AL desde 1971.

²⁰ CORREIA, José Cícero, Irmã Redempta: 50 anos de dedicação e trabalho pelos mais necessitados. 1ª ed., São José da Tapera – AL: Edições Comemorativas, 2012. p. 09.

²¹ INSTITUIÇÃO – FASVIPA. <https://fasvipa.com.br/instituicao/>. Acesso em 25 de agosto de 2022.

educacional, sendo presença frequente nas escolas em que ajudou a fundar. Em sua rede social²², Padre Aauto²³, atual pároco de Delmiro Gouveia – AL, publicou:

Irmã Redempta, viveu de verdade seu voto de pobreza em meio aos pobres, para os quais, por meio do seu educandário, o Colégio João Paulo II, lhes abriu horizontes. A educação era o seu forte. Através, pois, da educação, ela fez despontar pelo conhecimento, a civilização do amor para o nosso povo, naquela localidade, colocando nos trilhos certos, rumo ao futuro, os destinos da juventude taperense. Em sua renomada escola somente não estudava quem não o quisesse. Pobreza não era desculpa, pois a tão dedicada e abnegada religiosa, garantia os recursos com o povo da sua querida terra natal, a Holanda. Para ela o importante era que se estudasse, que se construísse seu futuro.

Os habitantes da cidade de São José da Tapera não ousam apontar defeitos ou críticas à postura da Irmã Redempta, sua imagem foi blindada ao longo dos anos, e hoje sua memória subsiste através do respeito e prestígio. Em sua homenagem, ainda em vida, o prefeito José Antônio Cavalcante, em 2005, fundou a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Elisabeth Jacoba Maria Bogers, que está em funcionamento no Bairro 10, educando crianças da periferia da cidade.

4. A atuação da Cruz Vermelha em São José da Tapera e Pão de Açúcar - AL, registros fotográficos e narrativa histórica.

A atuação do CICV – Comitê Internacional da Cruz Vermelha, no nordeste brasileiro durante a seca dos anos 1980, se deu através da “Operação Nordeste”, que durou de 1983 a 1985. Segundo dados da instituição²⁴, a Cruz Vermelha atuou em pelo menos quatro estados: Alagoas, Ceará e Rio Grande do Norte e Piauí. Em Alagoas, cerca de 8 municípios foram contemplados, entre eles São José da Tapera e Pão de Açúcar, e 72.137 pessoas beneficiadas com o programa.

De acordo com o balanço feito pelo CICV²⁵, “através da distribuição de “Caixas Familiares” e “Sementes”, nas Primeira e Segunda fases da Operação Nordeste, milhares de

²² Reprodução/Instagram. <https://www.instagram.com/p/Ced8g6-ulpr/>. Acesso em 20 de junho de 2022.

²³ Padre Aauto Alves Vieira (1970 -), estudou na Escola de 1º e 2º Graus João Paulo II, teve grande apoio da Irmã Redempta para exercer sua vocação sacerdotal.

²⁴ Cruz Vermelha Brasileira – Filiais e atuação. <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/cmd/fatos-e-fotos/>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

²⁵ Ibidem.

sertanejos sobreviveram”. Na Terceira fase ocorreu a implementação do Programa “Criança da Seca”, voltado para crianças de 0 a 14 anos, nutrízes e gestantes.

Importante ressaltar que “por maior que seja o seu esforço, as histórias produzidas pelo historiador nunca passarão de apenas possibilidades, pois ele não tem acesso real ao passado, mas somente às pistas que esse deixou, não podendo abarcar a totalidade dos fatos que ocorreram” (NEVES, 2004)²⁶. Partindo desse pressuposto vamos analisar as imagens com a responsabilidade de preservar a memória e o trabalho da freira, além da ação desenvolvida pela Cruz Vermelha em um momento tão crítico.

É interessante notar que as fotografias que aqui serão apresentadas representam a população sertaneja de Alagoas em meados de 1980. São relatos silenciosos, que por si já é o maior registro possível da real situação da época nestes dois municípios. Documentos e relatos orais não têm a força da exposição visual para o contador de histórias. Por que a imagem fala, e vamos ouvir o que ela tem a dizer. Para Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad²⁷,

A fotografia, enquanto componente desta rede complicada de significações, revela, através da produção da imagem, uma pista. A imagem considerada como fruto de trabalho humano pauta-se em códigos convencionalizados socialmente, possuindo, sem dúvida, um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas as imagens como mensagens. (p. 574)

Ressaltamos também a importância de se levar em consideração a bagagem sociocultural que a Irmã Redempta carregava. Por ser holandesa, é claro que ela tinha vícios e preconceitos próprios de sua cultura, a ótica dela diante da miséria nordestina é diferente de um nativo, devemos “entendê-la [a fotografia] como uma escolha realizada de acordo com uma dada visão de mundo”²⁸ (CARDOSO; MAUAD. p. 574, grifo nosso).

Em “Os Sertões”, Euclides da Cunha diz que “sertanejo é, antes de tudo, um forte”, faz parte do cenário quando falamos de Nordeste a vegetação seca e o homem com chapéu de couro ou de palha com a estética facial indicando trabalho e sofrimento, também temos a

²⁶ NEVES, Lucas Vieira Baeta. A fotografia como documento histórico. Em Tempo de Histórias, nº 8. 2004.

²⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia / Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 574.

²⁸ Ibidem.

presença de um jumento, principal “meio de transporte” do sertão, o grande ajudante do nordestino.

Imagem 3 – Homem, sertanejo, carregando um saco de pano.



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Imagem 4 – Homem carrega Caixa em cima de um jumento.



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

A “seca de 80” foi uma das secas mais prolongadas da história, João Figueiredo, presidente do Brasil neste período, chegou a declarar que “só restava rezar para chover”²⁹. Organizações como o CICV acabou se tornando, para muitas famílias, a resposta de suas orações: se a chuva não vinha, pelo menos, haveria comida na mesa, muito pouco, mas o suficiente para a sobrevivência. Essa realidade, para o sertanejo não seria novidade, de acordo com Antônio Rocha Magalhães³⁰:

As secas no Semiárido estão profundamente encravadas na cultura regional. De modo geral, qualquer pessoa com 10 anos de idade ou mais já presenciou uma ou mais secas. As secas fazem parte da história, da cultura, da música, da literatura, das crenças, da religiosidade. (p. 26)

Com a ajuda do Banco Mundial, o governo federal criou o “Projeto Nordeste”³¹ para lidar com a seca iniciada em 1979, “envolvia programas de desenvolvimento rural integrado, complementados por outros programas de saneamento rural, educação, saúde e reforma agrária”

²⁹ SUPERINTERESSANTE. Os 10 maiores períodos de seca no Brasil.

<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/os-10-maiores-periodos-de-seca-no-brasil/> Acesso em dez. 2021.

³⁰ MAGALHÃES, Antônio Rocha. Secas no Brasil: política e gestão proativas – Brasília: - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos; Banco Mundial, 2016. p. 26.

³¹ Ibidem. p. 30.

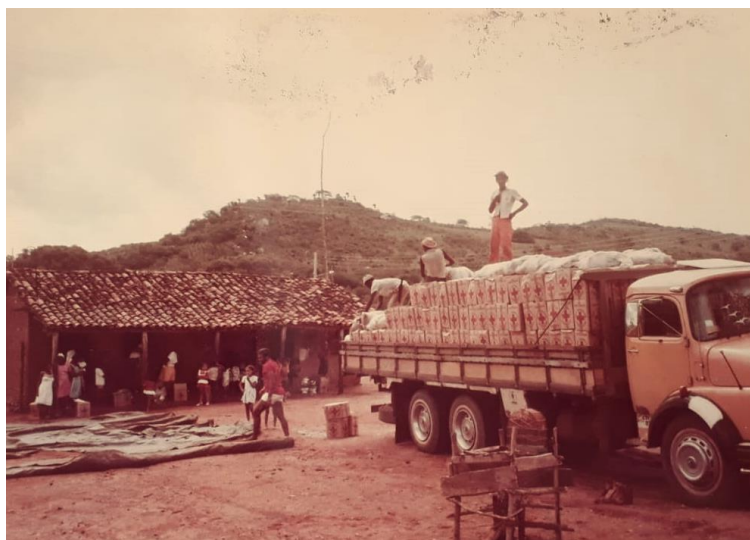
(MAGALHÃES, 2016, p. 30). Infelizmente esses programas não chegava a todos, ou não era o suficiente para diminuir o impacto causado pelo desastre natural que é a seca.

A Irmã Redempta é peça fundamental na atuação da Cruz Vermelha em São José da Tapera e Pão de Açúcar. Ela, juntamente com Padre Petrúcio, pároco de Pão de Açúcar, conhecedores de cada povoado carente, trouxeram para essas duas cidades o auxílio das “Caixas Familiares” da Cruz Vermelha, que ajudou a amenizar as consequências da seca.

As ações priorizavam os sítios e povoados de São José da Tapera, como Pilões, Torrões, Bananeira, Lagoa da Cobra, Antas, entre outros. Palestina nas comunidades de Vila de Santo Antônio, Machado, Santa Filomena, além de outros. Pão de Açúcar, nas comunidades de Campo Alegre, Impoeiras, Lagoa de Pedras, Santiago, Jacarezinho, entre outros.³²

As “Caixas Familiares” e as “Sementes” chegavam em caminhões, segundo relatos, pelo menos uma vez por mês em cada localidade. Não havia cadastro de famílias, as pessoas se deslocavam até o local de entrega, normalmente em alguma casa conhecida do povoado, e recebiam os mantimentos. Poderiam ficar o dia inteiro esperando o caminhão e caso naquele dia não chegasse, no dia seguinte esperariam novamente.

Imagem 5 – Chegada do caminhão com as doações da Cruz Vermelha.



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

³² SILVA, Derllânio Telecio da. SANTANA, Pedro Abelardo de. Trabalho educacional da freira franciscana Irmã Redempta no sertão alagoano, São José da Tapera (1977-2018). Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 03, Vol. 06, pp. 05-21. Março de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/freira-franciscana>.

Imagem 6 – Centro Educativo Paroquial / Pão de Açúcar - AL



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Na imagem acima, há um caminhão carregado de “Caixas Familiares” em frente a uma típica casa de barro na zona rural, homens em cima do caminhão fazendo as distribuições e embaixo, algumas mulheres e crianças já com as caixas em frente à casa. A Imagem 6 se passa na cidade de Pão de Açúcar, em frente ao Centro Educativo Paroquial, não há caminhão de entrega pois os mantimentos ficavam armazenados no prédio. É possível observar a aglomeração de pessoas esperando a entrega das caixas.

Imagem 7 – Mulheres, em fila, aguardando a entrega das Caixas.



A freira franciscana sempre prezou pela organização; a entrega dos mantimentos não era feita de qualquer jeito. As pessoas deveriam estar em fila indiana, de preferência em silêncio, para que ela pudesse atender a necessidade de todos. Sem aglomerações e sem tumulto. O álbum também nos apresenta mulheres do interior, com panos cobrindo os cabelos da poeira, vestidas de maneira tradicional com vestidos simples, sem nenhum adorno, parecem animadas, talvez felizes. Aliás, câmeras fotográficas não faziam parte do cotidiano naquela época, para muitos que estavam ali, era a primeira vez que viam tal máquina.

A Irmã jamais saía sem sua câmera fotográfica, tudo lhe parecia interessante, queria mostrar para seus amigos e familiares que ficaram na Holanda como era a vida no sertão. É assim que, no futuro, ela vai conseguir doações para que crianças carentes estudem em escolas particulares e possam ter uma boa educação.

Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Imagem 8 – Mulher cigana, com filho no colo



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Imagem 9 – Família cigana



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Grupos ciganos, conhecidos por serem nômades, também se deslocavam até os caminhões da Cruz Vermelha para poder levar para casa a “Caixa Familiar”. Com roupas típicas de seu clã, sua aparência não nega sua etnia Calon³³ as mulheres, de vestidos “midi”, descalças,

³³ Os povos Calon foram os primeiros grupos ciganos a chegar ao Brasil, no século XVI, como degredados de Portugal.

com seus filhos carregados no colo e caixas sobre cabeça³⁴. Aparentemente satisfeitos com a ajuda que acabaram de receber. Atualmente, há quase 20 anos, a comunidade cigana Calon mantém residência fixa na zona rural de Carneiros, cidade vizinha de São José da Tapera.

Afinal, o que tinha nessas “Caixas Familiares”? Alimentos³⁵: aveia em flocos, leite em pó, farinha de peixe, mingau, sopa, feijão e arroz. Cada caixa pertencia a uma família e deveria durar pelo menos um mês. Muito pouco, mas seria o suficiente para diminuir a mortalidade infantil e o quadro de miséria que aquela população estava imersa. Ajudava aqueles que já tinham reservas em casa de colheitas dos anos anteriores e mais ainda aos que não tinham nada além daquela caixa carimbada com a “cruz vermelha”.

Imagem 10 – Homens dividindo os alimentos que vinham nas Caixas



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Imagem 11 – Mulheres dividindo os alimentos que vinham nas Caixas



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Muitas vezes não tinham caixas suficientes nos caminhões, e as famílias tinham que dividir o pouco que recebiam: uma caixa para duas famílias. A Irmã tratava de organizar e conscientizar as pessoas da necessidade de evitar discussões e tumultos. Aquele que desobedecesse não receberia os mantimentos; assim tudo ocorria da melhor forma possível.

As divisões eram feitas pelas próprias pessoas que adquiriam a caixa. Assim que tomavam posse logo se dirigiam para um local e no chão repartiam os pacotes, desse modo ninguém ficaria sem receber o auxílio da Cruz Vermelha. Segundo relatos, os alimentos não eram de boa qualidade e sua preparação era demorada. Mesmo assim, ninguém deixaria de levar para casa a “ajuda da Irmã”.

³⁴ MORAIS, Leila Samira Portela de. APROPRIAÇÃO ESPACIAL, IDENTIDADE E DESLOCAMENTOS: Experiências Calon no sertão alagoano. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 153-177, jul. / dez. 2018.

³⁵ Fatos e Fotos. Cruz Vermelha Brasileira. <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/cmd/fatos-e-fotos/>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

Analizando o álbum fotográfico, temos a impressão de que a seca foi mais severa na zona rural. As cenas que a Irmã Redempta conseguiu captar nos contam a miséria e a situação de abandono em que essas pessoas se encontravam, entregues a esta realidade cruel, parecem apenas aceitar sua real situação, para elas tão normal quanto qualquer uma outra.

Imagem 12 – Famílias em frente à casa de barro.



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Imagem 13 – Três mulheres, idosas, agachadas.



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Os autores LIMA e MAGALHÃES³⁶ em seu artigo, nos contam que esse período de seca deixou “rastros de miséria e fome, lavouras inteiras perdidas e animais mortos” e nos revelam um dado assustador: em todo o Brasil, “segundo o Centro de Estudos e Pesquisas em Engenharia e Defesa Civil (Ceped) da Universidade Federal de São Carlos (UFSC), estima-se que, no período, 3,5 milhões de pessoas, em sua maioria crianças, tenham morrido em razão da desnutrição, de doenças e maus tratos”.

Três senhoras diante de uma Caixa Familiar (imagem 13), agachadas, cansadas, com panos cobrindo seus cabelos da poeira e a cabeça do sol quente. Seus vestidos cobrem todo o corpo, e mesmo assim a pele está queimada pelo sol e seus rostos denunciam o sofrimento. Acostumadas com a dificuldade do sertão, elas parecem seguir a poesia daquela música cantada por Luiz Gonzaga: “Enquanto a minha vaquinha / Tiver o couro e o osso / E puder com o chocalho / Pendurado no pescoço / Eu vou ficando por aqui / Que Deus do céu me ajude (...) / Só deixo o meu cariri / No último pau-de-arara”³⁷

³⁶ LIMA, José Roberto de; MAGALHÃES, Antonio Rocha. Secas no Nordeste: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21. *Parc. Estrat. Brasília-DF*. v. 23. n. 46. p. 191-212. jan-jun 2018

³⁷ Venâncio / Corumbá / J. Guimarães. Último Pau de Arara. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/ultimo-pau-de-arara.html>

Talvez seus filhos já tenham ido embora em busca de uma vida melhor, mas elas ficaram; escolheram ficar, são típicos personagens nordestinos de um cenário árido e triste. Ir embora para onde? Já idosas, não conseguiriam se adaptar ao frenesi da cidade grande, quem cuidaria delas? Escolher ficar não é desistir, aqui elas têm umas às outras, uma rede de apoio que não cessa. Para ALBUQUERQUE JÚNIOR, o Nordeste é

“(...) uma região dividida entre momentos de tristeza e de alegria. Mesmo para quem dela sai, o migrante, o Nordeste aparece como este espaço físico da saudade. O Nordeste parece estar sempre no passado, na memória; evocado como espaço para o qual se quer voltar; um espaço que permaneceria o mesmo.”³⁸

Faz parte de um quadro onde se pinta um Nordeste triste, mas acolhedor. Onde o sofrimento não endurece os corações, as imagens que nos mostram a divisão de alimentos refletem essa solidariedade que parte daqueles que precisam tanto quanto o seu próximo e mesmo assim não negam o pouco que recebem.

Imagem 14 – Mulher com criança recém-nascida no colo



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Imagem 15 – Mulher com criança no colo



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

³⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

Se para os mais velhos a realidade é cruel, para os mais novos poderia ser mortal. Em seus estudos sobre mortalidade infantil, Luis Patrício Ortiz³⁹ nos diz que

“entre 1982 e 1984, período que coincide com a fase mais aguda da crise econômica, verificou-se, com diversos graus de intensidade, um aumento nos níveis de mortalidade infantil em todo o País: na média nacional esta taxa passou para 66 por mil; a região Nordeste voltou a registrar níveis acima de 100 por mil; (...)”. (1991, p. 109)

Ortiz⁴⁰, ainda nos informa que “as estimativas apresentadas pressupõem que a região Nordeste [nos anos 1980] responde por mais de 55% dos óbitos infantis que ocorrem no Brasil (...)” (grifo nosso, p. 109). Além da seca, a falta de saneamento básico e acompanhamento médico era vital para o agravamento da situação. Essa mãe (imagem 14) com o bebê no colo e um pacote de feijão, com a logo da cruz vermelha estampada, sobre a cabeça, carrega em seus braços a responsabilidade de manter esta criança viva e saudável; ou, pelo menos, viva. É uma entre tantas mães que diante da fome e da pobreza luta pela sobrevivência dos seus.

Uma mãe, com o filho no colo (imagem 15), carrega a caixa da Terceira Fase da Operação Nordeste. Em São José da Tapera e Pão de Açúcar – AL, a Irmã Redempta e suas companheiras⁴¹, já faziam os pré-natais das gestantes e acompanhavam o desenvolvimento das crianças. Então, elas sabiam onde se encontravam, pelo menos a maioria das famílias necessitadas. É claro que a desnutrição e a mortalidade infantil estão intimamente ligadas à condição socioeconômica e cultural. Como já foi dito, a Cruz Vermelha também se preocupou com as crianças, com o Programa Criança da Seca, que também atendia as gestantes.

Em 1983, o Fantástico – Rede Globo, fez uma reportagem com o intuito de mostrar a situação das mulheres nordestinas cearenses, eles intitularam como “Viúvas da Seca”⁴². Era o relato de mulheres que além de enfrentar o sofrimento de seu tempo tinha que lidar também com o abandono de seus maridos, que iam embora ou saiam em busca de trabalho na região Sul/Sudeste. Outras falam sobre a dificuldade de deixar suas crianças com fome, ou com pouca comida, para ir atrás de mantimentos e trabalho longe de casa.

³⁹ ORTIZ, Luis Patrício. Contrastes Regionais da Mortalidade Infantil. São Paulo em Perspectiva, 5(1):107-115, janeiro/março 1991.

⁴⁰ ORTIZ, Luis Patrício. Contrastes Regionais da Mortalidade Infantil. São Paulo em Perspectiva, 5(1):107-115, janeiro/março 1991.

⁴¹ As religiosas Clementina, Patrícia, Odiliana e Joane, também holandesas.

⁴² VÍDEO. **Viúvas da Seca** – Reportagem completa do Fantástico sobre a seca no Nordeste em 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b3URk7AJWkc>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

A realidade do sertão alagoano não era diferente, as mulheres parecem sofrer mais que os homens nessas situações humanitárias; além de garantir a sua sobrevivência elas também têm o dever de manter seus filhos seguros, além de cuidar do lar. Mulheres jovens, com, aparentemente, menos de 30 anos, carregando sua herança no colo, protegendo-o e nutrindo-o enquanto houver possibilidade de futuro.

Imagem 16 – Mulheres e crianças com as Caixas.



Fonte: arquivo da Escola João Paulo II

Em casa, a família esperava pelo alimento, e nas estradas homens e mulheres eram responsáveis por levar a Caixa Familiar e as Sementes a seus dependentes. Seria o fim da espera daquele mês; no mês seguinte eles retornariam para levar mais uma Caixa.

5. Conclusão

Superando as dificuldades, a ausência de documentos oficiais, informações e tudo aquilo que poderia contribuir para que esta pesquisa fosse bem fundamentada, conseguimos através das fotografias e do material bibliográfico criar uma narrativa coesa com os fatos apresentados.

O trabalho executado por Elisabeth Jacoba Maria Bogers, a nossa franciscana, seja como fotógrafa ou como agente durante a atuação da Cruz Vermelha no sertão alagoano, nos apresenta a fragilidade do nordestino diante de fenômenos naturais como a seca, e a dependência de atores externos, como a Congregação das Franciscanas de Santo Antônio e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, para reparar as lacunas deixadas pelas políticas públicas em um momento tão delicado. Sendo assim, cada imagem aqui apresentada e analisada é o mais próximo da realidade da seca de 1980 que conseguimos chegar.

Ainda nos resta questionar se estamos preparados para um evento natural desta magnitude. Em 2014, Roseli Senna Ganem⁴³, Consultora Legislativa da Câmara dos Deputados, escreveu que “a seca não tem que ser um desastre. Se a sociedade estiver preparada, se houver uma política de prevenção, ela pode estabelecer medidas de convivência com a seca e manter o seu bem-estar, o seu desenvolvimento econômico e social”. Este ainda é um tema em debate no ambiente político e social, ainda aguardamos soluções concretas para este problema.

Francisco Ribeiro da Silva (1999)⁴⁴ diz que “quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência”. Por isso, salientamos que é de extrema necessidade que os historiadores se dediquem a pesquisa da História Local, em suas cidades, mesmo as mais pequenas, este “micro” trabalho pode trazer grandes contribuições para a historiografia e trazer resultados gratificantes, contribuindo assim para a uma História mais ampla, além dos grandes centros, e tão importante quanto.

⁴³ GANEM, Roseli Senna. Desafios à convivência com a seca [recurso eletrônico] / relator: Inocêncio de Oliveira ; consultores legislativos : Alberto Pinheiro de Queiroz Filho, Gustavo Roberto Correa da Costa Sobrinho, Roseli Senna Ganem. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. p. 114.

⁴⁴ SILVA, Francisco Ribeiro da. História local: objetivos, métodos e fontes. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. 1999. p. 383.

REFERÊNCIAS

“SELO OFICIAL MARCA COMEMORAÇÃO DOS 60 ANOS DE SÃO JOSÉ DA TAPERA”. *Prefeitura Municipal de São José da Tapera*, <https://www.saojosedatapera.al.gov.br/home//artigo/selo-oficial-marca-comemoracao-dos-60-anos-de-sao-jose-da-tapera>. Acesso em 15 de junho de 2022.

ALBERTI, Verena. Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., 1ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes. 5. ed. — São Paulo: Cortez, 2011.

BLOG ADALBERTO GOMES. Notícias. “Morre em Santana do Ipanema, aos 86 anos, Irmã Redempta, uma das referências da educação no sertão de Alagoas”. *Blog Adalberto Gomes Notícias*, <http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2018/06/morre-em-santana-do-ipanema-aos-86-anos.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia / Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). — Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CORREIA, José Cícero, Irmã Redempta: 50 anos de dedicação e trabalho pelos mais necessitados. 1ª ed., São José da Tapera – AL: Edições Comemorativas, 2012.

Cruz Vermelha Brasileira – Filiais e atuação. <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/cmd/fatos-e-fotos/>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

FATOS E FOTOS. Cruz Vermelha Brasileira. <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/cmd/fatos-e-fotos/>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO - Desnutrição: Município com o pior IDH vive “no limite” - 17/09/2001. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1709200113.htm>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

GANEM, Roseli Senna. Desafios à convivência com a seca [recurso eletrônico] / relator: Inocêncio de Oliveira ; consultores legislativos : Alberto Pinheiro de Queiroz Filho, Gustavo Roberto Correa da Costa Sobrinho, Roseli Senna Ganem. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. p. 114.

IBGE. Cidades. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pao-de-acucar/historico>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

_____. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/sao-jose-da-tapera/historico>. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

IBGE. Dados Distritais. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1980/CD_1980_Dados_Distritais_AL.pdf. Acesso em 07 de setembro de 2022.

INSTITUIÇÃO – FASVIPA. <https://fasvipa.com.br/instituicao/>. Acesso em 25 de agosto de 2022.

LIMA, José Roberto de; MAGALHÃES, Antonio Rocha. Secas no Nordeste: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21. Parc. Estrat. Brasília-DF. v. 23. n. 46. p. 191-212. jan-jun 2018

MAGALHÃES, Antônio Rocha. Secas no Brasil: política e gestão proativas – Brasília: - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos; Banco Mundial, 2016.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. Novos domínios da história / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MÍDIA. Reprodução/Instagram. <https://www.instagram.com/p/Ced8g6-ulpr/>. Acesso em 20 de junho de 2022.

MÍDIA. Venâncio / Corumbá / J. Guimarães. Último Pau de Arara. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/ultimo-pau-de-arara.html>

MORAIS, Leila Samira Portela de. APROPRIAÇÃO ESPACIAL, IDENTIDADE E DESLOCAMENTOS: Experiências Calon no sertão alagoano. Áltera – Revista de Antropologia, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 153-177, jul. / dez. 2018.

NEVES, Lucas Vieira Baeta. A fotografia como documento histórico. Em Tempo de Histórias, nº 8. 2004.

ORTIZ, Luis Patrício. Contrastes Regionais da Mortalidade Infantil. São Paulo em Perspectiva, 5(1):107-115, janeiro/março 1991.

Pão de Açúcar — Assembleia Legislativa de Alagoas. <https://www.al.al.leg.br/municipios/pao-de-acucar#:~:text=Em%201634%2C%20Crist%C3%B3v%C3%A3o%20da%20Rocha, nome%20de%20P%C3%A3o%20de%20A%C3%A7%C3%BAcar>. Acesso em 15 de junho de 2022.

SILVA, Derllânio Telecio da. SANTANA, Pedro Abelardo de. Trabalho educacional da freira franciscana Irmã Redempta no sertão alagoano, São José da Tapera (1977-2018). Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 03, Vol. 06, pp. 05-21. Março de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/freira-franciscana>.

SILVA, Francisco Ribeiro da. História local: objectivos, métodos e fontes. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. 1999. p. 383.

SUPERINTERESSANTE. Revista. Os 10 maiores períodos de seca no Brasil. <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/os-10-maiores-periodos-de-seca-no-brasil/> Acesso em dez. 2021.

TICIANELI. “Corografia de Alagoas - Pão de Açúcar”. *História de Alagoas*, 27 de dezembro de 2019, <https://www.historiadealagoas.com.br/corografia-de-alagoas-pao-de-acucar.html>. Acesso em 02 de novembro de 2022.

VÍDEO. **Viúvas da Seca** – Reportagem completa do Fantástico sobre a seca no Nordeste em 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b3URk7AJWkc>. Acesso em 11 de dezembro de 2021.

